
As stories e os novos regimes de visibilidade.¹

Ianka Maria da SILVA²

Henrique Moreira MAZETTI³

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as ferramentas dos principais aplicativos que contêm a função Stories, o Snapchat, Instagram, Whatsapp e Facebook, relacionando-as com os novos regimes de visibilidade que Bruno (2013) se refere, compreendendo que estes mudam a partir de uma lógica de exposição e normas de privacidade. A partir do contato exploratório com os aplicativos e suas ferramentas, por meio de suas *affordances*, segundo Barros (2017), foram agrupadas em eixos interpretativos, associados à discussão central sobre os novos regimes de visibilidade. A análise permitiu observar que as stories contribuem para a expressão e performance de um sujeito tomado como autêntico e que seleciona os modos de ser visto nas redes sociais.

Palavras-chave: Stories; visibilidade; exposição; autenticidade; privacidade.

Introdução

Com o surgimento dos smartphones, dispositivos com câmera embutida, sistema operacional parecido com o de um computador e com acesso a Internet, os indivíduos passaram a ficar mais conectados. Alguns aplicativos que podem ser instalados nesses smartphones permitem um fluxo grande de publicações de imagem, como o Snapchat, Instagram, Whatsapp e Facebook, trazendo uma nova proposta de publicação com as stories, recurso de compartilhamento de conteúdos que desaparecem em 24 horas.

O presente trabalho⁴ tem como objetivo contribuir nas observações dos principais aplicativos que contêm a função stories, identificando suas ferramentas de publicação e compartilhamento de conteúdo, relacionando-as com os novos regimes de

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduanda do 5º semestre do curso de Comunicação Social - Jornalismo pela UFV - Viçosa, email: ianka.silva@ufv.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV – Viçosa, email: mazetti@ufv.br

⁴ Este artigo foi escrito durante o desenvolvimento de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo projeto PIBIC/CNPq.

visibilidade e compreendendo que estes mudam a partir de uma lógica de exposição e normas de privacidade.

Assim, ao observar essa nova lógica de visibilidade, promovida então pelas stories nos aplicativos, este artigo dialoga com autores que interpretam as práticas comunicacionais e de exposição de si, discutidas por Bruno (2013) a respeito da visibilidade e vigilância, por Sibília (2008), Albert e Haroche (2013), Jauréguiberry (2013), Hénaff (2013) e Zawadsk (2013) sobre a construção de um eu performático e espetacularizado. Dessa forma, os métodos para esta pesquisa consistiram na análise exploratória das ferramentas e protocolos de funcionamento das stories, por meio de suas *affordances*⁵, relacionando-as em eixos interpretativos, associados à discussão central sobre os novos regimes de visibilidade.

Os regimes de visibilidade da contemporaneidade

A noção de regimes de visibilidade é entendida como um conjunto de sanções que tornam possível o ato de ver e ser visto. Para Bruno (2013), um regime de visibilidade consiste não tanto no que é visto, mas no que torna possível o que se vê, variando de acordo com as transformações históricas e a participação de máquinas, práticas e regras de cada época.

Dessa forma, o sujeito que antes era apenas espectador, hoje é centralizado no espetáculo, como Albert e Haroche (2013) explicam. De espectador, ele se torna “autor, narrador e personagem de sua vida na contemporaneidade” como diz Sibília (2008). Uma das causas para que o indivíduo tenha mudado seu modo de se mostrar aos outros é o acesso às redes sociais na Internet, onde estas plataformas permitem que ele desenvolva sua narrativa de vida, tornando-a uma performance, como verdadeira celebridade. “O espetáculo se transformou em nosso modo de vida e em nossa visão de mundo, na forma como nos relacionamos uns com os outros e na maneira com que o mundo se organiza”, explica Sibília (2008, p.44).

Os regimes de visibilidade contemporâneos atuam na construção de um sujeito performático, que entende sua existência relacionada com sua aparência, como se o sujeito só se tornasse alguém se aparecesse de algum modo na mídia, tornando sua vida um constante espetáculo.

⁵ Segundo Barros (2017, p. 48), *affordance* é um recurso de design que ajuda, contribui, apoia, facilita ou permite o pensamento e/ou o conhecimento sobre algo. Optamos por nos apropriarmos deste termo para descrever os modos de funcionamento das stories nos aplicativos.

Então se viver se assemelha a atuar ou encenar, se “ser alguém” equivale a interpretar um personagem, e se a vida tende a se parecer cada vez mais com uma narrativa midiática, isso ocorre porque costumamos sublinhar nossos gestos e ações “para aqueles que assistem”. Como se estivéssemos o tempo todo fazendo performances. (Sibilia, 2015, p. 355)

Desse modo, quanto mais o usuário mostra e conta sobre sua vida, seu cotidiano, sua intimidade que antes era tão preservada do público, mais presente no mundo ele se sente. A noção de existência na contemporaneidade, está totalmente relacionada à noção de ser visto, principalmente na mídia, com as redes sociais que permitem que o usuário se torne uma celebridade em potencial ou apenas que ele torne das redes sociais seu diário virtual, se mostrando à espera de ser visto, assistido.

Porém, com esta visibilidade contemporânea exacerbada, a discussão vem a ser criticada e até vista como um antivalor, ou seja, se pesquisadores se lembraram de quesitos positivos da visibilidade, outros autores a veem como um antivalor, com uma avaliação negativa, não pela visibilidade em si como argumenta Heinick (2006), mas por ela ter se tornado um objeto amplificado dos meios técnicos de comunicação, por ser vista como uma visibilidade massificada, mercadoria, objeto de alienação e poder, tornando-se opostas à essência que antes era atribuída.

A mediação me parece então ser o argumento principal dessa crítica moderna da visibilidade. Certamente, dizer isso pode parecer voltar a enunciar um “truísmo”, de tanto que a crítica da mídia se tornou um lugar-comum (...), mas é também, parece-me, apontar por trás do lugar-comum a lógica profunda do que constitui a ambivalência da visibilidade, no sentido de ela ser ao mesmo tempo um valor desejado e um antivalor denegrido. (Heinick, 2006, p. 324)

Os novos regimes de visibilidade estão constantemente presentes na sociedade, moldando os modos de construção dos sujeitos, tornando-os autores, narradores, personagens ou simplesmente espectadores do cotidiano exposto nos dispositivos midiáticos, principalmente quando estes dispositivos permitem trocas de imagens e mensagens nos smartphones.

Metodologia

A pesquisa teve como a análise as *affordances* das plataformas digitais Snapchat, Instagram, Whatsapp e Facebook em sua função stories, a fim de buscar semelhanças e diferenças entre os protocolos de funcionamento das mesmas e refletir

sobre como o formato “stories” se relaciona com os novos regimes de visibilidade, observados por pesquisas anteriormente discutidas.

Para esta pesquisa, foi feito um primeiro contato com os aplicativos, previamente já instalados em um smarthphone e através da própria conta pessoal, observando seu funcionamento e todas as ferramentas existentes. As versões instaladas foram as mais recentes da época da análise, de setembro a outubro de 2017, e estas são Snapchat versão 10.19.5.0, Instagram versão 19.1.0.31.91, Whatsapp versão 2.17.395 e Facebook versão 146.0.0.53.92, optando por não atualizá-los no período da análise e/ou ignorar as novas atualizações, se caso fossem, uma vez que estes aplicativos possuem um processo de atualizações constantemente por seus criadores.

A partir do contato exploratório com os aplicativos, foram criadas 14 perguntas sobre o funcionamento das stories que serviram como orientação tanto para a análise da pesquisa quanto para aprofundamento do manuseio nas próprias plataformas. E a partir da leitura dos referenciais teóricos, as perguntas foram relacionadas com o tema proposto, identificando quais as possíveis contribuições que as stories possuem para os novos regimes de visibilidade. As contribuições identificadas se tornaram explicações e interpretações para cada uma das 14 perguntas.

As perguntas foram respondidas de acordo com o contato com os aplicativos Snapchat, Instagram, Whatsapp e Facebook, em que a pesquisadora anotou observações sobre cada uma delas. Das 14 perguntas, uma questionava sobre a disponibilidade dos aplicativos na versão Desktop, Android e iOS e serviu como base para a apresentação geral dos aplicativos na análise. As demais, juntamente com suas explicações, foram agrupadas em eixos interpretativos relacionados ao tema da pesquisa sobre os novos regimes de visibilidade. Estes foram: Autenticidade, privacidade, vigilância e por último, mídia locativa, mas para este artigo, foram considerados apenas os dois primeiros eixos interpretativos.

Desta forma, no eixo interpretativo “Autenticidade”, observamos quais recursos de edição de fotos e vídeos há nas stories, notando que esta ferramenta possibilita que o usuário se recrie e utilize recursos para construir uma narrativa dentro da publicação. Também foi questionada a possibilidade de publicar fotos da galeria nas stories, uma vez que isto mostra que o usuário quer reproduzir acontecimentos passados, apesar de a proposta inicial das stories ser de publicações ao vivo. A terceira observação deste eixo é sobre a possibilidade do arquivamento das stories na galeria, pois com a possibilidade

de salvar o conteúdo, o usuário pode classificar se o mesmo é significativo a ponto de salvá-lo ou efêmero, deixando-o desaparecer com o passar das 24 horas.

Já em “Privacidade”, avaliamos a função de tempo de exibição dos conteúdos nas stories e se ele pode ser escolhido pelo usuário, visto que a temporalidade da exibição de foto ou vídeo indica efemeridade e rapidez nas stories. Observamos também a autonomia do usuário, se caso ele puder escolher o tempo em que ficará visível para seus seguidores. Averiguamos a possibilidade de mencionar pessoas na story, pois com isso, sua story é vinculada à conta de outro usuário. Identificamos quais são as maneiras de envio das stories, seja individualmente, para um determinado grupo de pessoas ou em modo público, permitindo que o usuário tenha maior privacidade e segurança em poder ser visto apenas para quem deseja. E a última ferramenta é a possibilidade de ocultar a história de determinada pessoa, apontando além do conceito de privacidade e segurança, exclusão do usuário através do aplicativo.

Mesmo separando as informações levantadas em eixos interpretativos, é importante ressaltar que todos os eixos estão interligados e possuem abordagens e conceitos semelhantes, sendo unidos pelo tema geral da pesquisa. O agrupamento das perguntas e a criação dos eixos apenas foi uma forma de apresentar melhor os dados levantados, juntamente com suas interpretações.

Sobre os aplicativos

O Snapchat é uma rede social de mensagens instantâneas e o primeiro aplicativo a conter a função stories, que permitem ao usuário criar uma pequena narrativa com fotos e vídeos, visível para todos que seguirem o perfil. O termo “snap” se refere a algo que acontece de forma súbita. O nome condiz com o objetivo do aplicativo, que significaria, em inglês, um chat passageiro e que não deixa rastros de que tenha existido. Suas funções, seja nas stories ou em conversas privadas, se parecem com as de qualquer rede social digital, pois há a possibilidade de enviar textos, fotos, vídeos, mas com o diferencial de que o conteúdo publicado nele só pode ser visto uma vez pelos usuários, pois após 24 horas, o conteúdo é autodestruído do aplicativo.

Além de todo seu conteúdo ser apagado, o aplicativo possui outras funções que atraíram os usuários, principalmente a função de notificação de captura de tela, dando uma garantia maior para que eles pudessem usá-lo para compartilhar conteúdos comprometedores. Também há as Lenses, filtros com efeitos exclusivos para fotos e

selfies e os Geofiltros, que permitem informar sua localização com a ajuda do GPS do celular de uma forma criativa. Ele está disponível para celulares iOS, Android e pode ser acessado pelo Desktop, mas apenas para configurar o aplicativo.

Criado em 2010, o Instagram é uma plataforma de compartilhamento de imagens e vídeos que permite a inserção de filtros em seus conteúdos, além de poder ser vinculado com as plataformas Facebook e Twitter. Quando cria-se uma conta no Instagram, você não ganha amigos como no Facebook, mas seguidores que podem visualizar curtir e comentar suas fotos ou vídeos. A rede social está disponível na versão Desktop, mas com algumas limitações, como a publicação de conteúdos seja no feed ou nas stories, além de poder ser acessado normalmente na versão iOS e Android como aplicativo.

Depois de várias tentativas de compra do Snapchat pelo seu sucesso com as stories, em 2016, cria-se a função Insta Stories no aplicativo. Os recursos são basicamente os mesmos, com fotos e vídeos que duram até 24 horas e aplicação de alguns filtros, não descartando a possibilidade de publicar normalmente no feed.

O Facebook é a maior rede social do mundo, com aproximadamente 2 bilhões de usuários ativos. Foi criado no ano de 2004 por Mark Zuckerberg e sua função principal é de compartilhamento de conteúdo, seja ele texto, foto ou vídeo, expostos em seu perfil pessoal, além da função de troca de mensagens instantâneas, curtidas e comentários nas publicações dos usuários.

Em 2017, dentre suas inúmeras funções, a rede social ganhou também a função de stories, muito parecida com as stories do Instagram e do Snapchat e renomeada como “histórias”. Segundo o próprio Facebook, a atualização veio, pois “o jeito com que as pessoas compartilham hoje é diferente de cinco ou mesmo dois anos atrás – é muito mais visual, com muito mais fotos e vídeos do que nunca. Queremos tornar rápido e divertido para as pessoas compartilharem fotos e vídeos criativos e expressivos com quem eles quiserem, onde desejarem”⁶ O Facebook está disponível tanto na versão Desktop, podendo executar todas as funções normalmente, exceto a de publicar nas histórias, além de estar disponível como aplicativo nos celulares iOS e Android.

O Whatsapp foi criado em 2009 e sua função principal é a de mensagens instantâneas online através do número de telefone do usuário. É possível a troca de fotos, vídeos, documentos, localização e a criação de grupos de conversas no aplicativo. Em

⁶ Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/facebook-stories/>, acessado em 20 de março de 2017.

2017, o Whatsapp também entrou como mais um dos aplicativos com a função stories, renomeada como Status, no qual foi criada uma aba na plataforma exclusivamente para este recurso. As fotos e vídeos publicados no status do aplicativo duram 24 horas e podem ser vistas de acordo com a privacidade que o usuário assim desejar. Esta função surpreendeu a maioria, pois o Whatsapp não é uma rede social e sim um software de troca de mensagens instantâneas. Ele pode ser acessado tanto pelo Android quanto pelo iOS, e atualmente pelo Desktop, mas não podendo publicar nos status nesta versão.

A autenticidade do sujeito contemporâneo

Taylor (1991) sugere uma “cultura da autenticidade” na contemporaneidade, ainda que o conceito de autenticidade tenha se transformado nas últimas décadas, pois “ao mesmo tempo em que a ideia de ser autêntico se transformou em um dos eixos centrais para os processos de socialização e construção de identidade, a própria noção assumiu contornos distintos daqueles que a caracterizavam em suas formulações iniciais.” (Mazetti, 2012, p. 227).

Uma das maneiras de como a ideia da autenticidade é transformada é na Internet, principalmente com as redes sociais, onde os sujeitos são convidados a contarem sobre suas vidas constantemente, se expondo principalmente através de recursos que envolvam sua imagem. Sua imagem permite que eles se sintam mais presentes no meio, como se sua aparência fosse associada à sua existência no meio virtual. É o que Sibília (2008) aponta, pois atualmente o que importa para os sujeitos é aparecer para ser.

Desse modo, uma das formas que o sujeito pode se aparecer na Internet é através das stories, articulando também a ideia de uma autenticidade, pois com as stories analisadas nos quatro aplicativos, o sujeito pode registrar aquilo que está vivendo, como seu dia-a-dia e acontecimentos do cotidiano além de poder usar de recursos das stories para se construir e se performar como quiser aos outros, diante de tantas opções de tematização e expressão de si nos mecanismos dos aplicativos.

Um desses mecanismos presentes é a possibilidade de editar fotos e vídeos, apesar de que a proposta inicial das stories era de motivar fotos ao vivo, de “cara limpa” ou até mesmo em um concepção autêntica, Este recurso está disponível em todos os aplicativos, Whatsapp, Snapchat, Instagram e Facebook, e as opções de edição são basicamente as mesmas entre eles: filtros, texto, emojis, recortar e colar imagens, mas tendo algumas diferenças, como a inserção de hora, máscaras de desenhos que servem

de fantasias para o usuário, como mostram na Figura 1 ou dias da semana, temperatura e localização, como visto na Figura 2. Há algumas edições específicas para vídeos. Por exemplo, no Whatsapp que há o recorte de vídeos e criação de GIFs, visto na Figura 3; no Snapchat há a aceleração, desaceleração (tornar os vídeos mais lentos) e inversão dos vídeos; no Instagram, a possibilidade de criar boomerangs, gravar vídeos ao vivo e vídeos retrógrados. Os recursos permitem que o usuário desfrute de sua criatividade para compor suas stories, se ainda desejar, pois eles servem tanto para uma performance do sujeito quanto para informar dentro da narrativa nas stories.

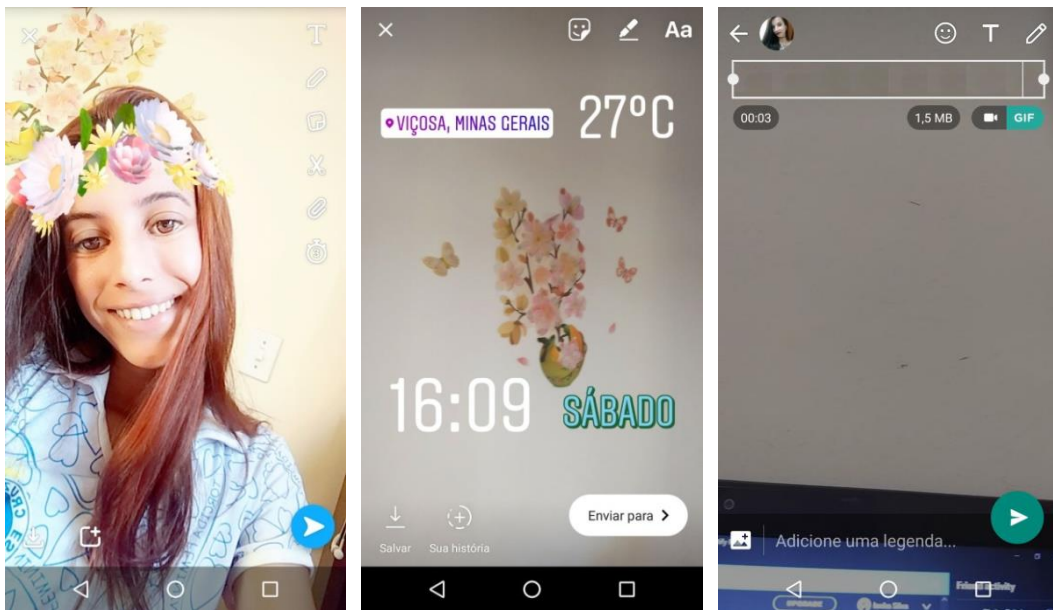


Figura 1: Máscara de flores no Snapchat.

Figura 2: Inserção de localização, dia da semana, hora e temperatura no Instagram.

Figura 3: Recorte de vídeo ou criação de GIFs no Whatsapp.

Apesar da estética de *real time* que as stories propiciam, há a possibilidade de publicar fotos e vídeos da galeria e que não precisam ser capturadas ao vivo. Todos os aplicativos possuem esta função, com exceção do Instagram que permite publicar conteúdos da galeria de até 24 horas atrás, além de haver diferença entre publicações da galeria ou capturadas ao vivo nos aplicativos Snapchat e Facebook, no qual um indica a data da publicação da galeria e outro exibe as publicações da galeria em um formato menor. Então mesmo que o usuário queira publicar mídias da galeria nesses dois aplicativos, seus seguidores saberão que não são ao vivo. Isso mostra que os aplicativos permitem que o usuário transfira fotos e vídeos previamente capturados para as stories, construindo uma narrativa relacionando presente com passado.

E algo oposto ao anterior é a função de salvar as stories na galeria do celular, impedindo que elas desapareçam com o passar das 24 horas. Todos os aplicativos observados possuem esta função como opção, sendo o Whatsapp o único que salva os status automaticamente e o Snapchat o único que tem a opção de salvar no armazenamento do celular ou em um arquivo próprio do aplicativo, chamado “Memórias”. Este recurso dá a oportunidade do usuário avaliar se aquela publicação da story é mesmo efêmera, desaparecendo no esgotar do tempo ou pode ser significativa para si a ponto de salvá-la no dispositivo.

Com os recursos e protocolos explanados, é possível notar que as opções de edição de fotos e vídeos nas stories contribuem para a expressão e performance do sujeito, além de constituir sua autenticidade, uma vez que este conceito vem sendo reformulado com os novos regimes de visibilidade. O sujeito autêntico na contemporaneidade, tem a concepção de que ele pode demonstrar e se tematizar da maneira que deseja, e ele pode encontrar essas maneiras nas stories, quando publica e exhibe para seus seguidores. Mesmo que ele tenha a opção de não usar nenhuma das maneiras de edição, a partir do momento em que pode usá-las, ele impulsiona sua criatividade para se reinventar ou performar um eu autêntico. Este eu autêntico é um eu múltiplo, em constante mudança, fazendo da personalidade algo que se vê, uma subjetividade visível, uma forma de ser que se cinzela para ser mostrada, explica Sibília (2008). O usuário das stories pode se expressar de diversas formas, seja através de máscaras de animais, filtros, entre outros.

Ademais, apesar de os novos regimes visibilidade e as stories demonstrarem uma cultura do presente, do instante, o recurso de publicar foto da galeria permite que o usuário reviva acontecimentos anteriores, relacionando presente com passado. E concomitantemente, a função de salvar as histórias na galeria também contraria a ideia da instantaneidade, revelando que nem tudo pode ser levado pela fluidez das stories. Mesmo que os aplicativos dão liberdade para que os usuários possam se expressar mais, a possibilidade de salvá-las na memória do smartphone permite que eles considerem certas publicações como significativas a ponto de não deixá-las desaparecer com as 24 horas de duração. Isso indica que a expressão do sujeito nos novos regimes de visibilidade não se concentra apenas no presente e no verídico, mas também numa construção de novos eus, seja em formas performatizadas ou passadas.

A privacidade diante as stories e os mecanismos de exposição de si

Mesmo que os indivíduos sejam livres para se expressarem como quiserem, eles estão sujeitos a abdicarem de sua privacidade, pois a amplificação da visibilidade por meio das mídias pode ser um valor para uns, mas um antivalor para outros. Como visto anteriormente, entre os séculos XIX e XX, a privacidade e a interioridade do sujeito eram vistas como algo da sinceridade e verdade, como se a disseminação da imagem das pessoas fosse oposta à raridade. É o que argumenta Heinick (2013), dizendo que quando o indivíduo se expõe, ele reduz sua interioridade e não possui outra finalidade além de ser visto e consumido.

Porém, com este pensamento percebe-se a concepção de que o privado é o oposto de público e o público como se fosse tudo aquilo que é exibido, quando na verdade qualifica-se pública certas manifestações que são acessíveis a todos. E o conceito de privacidade ultrapassa este limite entre público e privado, pois não é uma oposição entre os dois, mas sim uma seleção do que pode ser revelado ou não.

É possível destacar que a privacidade não é aquilo que necessariamente se opõe ao público, mas determinadas maneiras de se colocar em público. Revelar-se de maneira seletiva e administrar graus de exposição que interpelam cada sujeito para uma participação ativa e responsável nas redes. (COUTO, 2015, p. 51)

E percebendo a privacidade como maneiras de se colocar em público e relacionando-a com os aplicativos e suas stories analisadas, vemos que suas elas permitem que o usuário selecione suas maneiras de mostrar aos outros, uma vez que em seus protocolos de funcionamento nota-se elementos que possibilitam essa prática. Um desses exemplos é a função do tempo de exibição das stories. No Snapchat o usuário pode escolher o tempo de exibição de cada publicação, variando de 1 a 10 segundos ou por tempo ilimitado. Já nos outros aplicativos o tempo de exibição é padrão e não dá o direito de controle, como por exemplo, no Instagram e no Whatsapp que as fotos são exibidas em aproximadamente 5 segundos e no Facebook, aproximadamente 7. Já as stories em geral permanecem nos aplicativos durante 24 horas.

O usuário também pode ter controle sobre outra ferramenta que diz respeito à privacidade de sua conta, a possibilidade de escolher para quem exibir suas stories, No Whatsapp, na aba “Privacidade do status”, como visto na Figura (4) há as opções de publicação para todos os seus contatos ou de selecionar determinados contatos, desde que ambos os usuários tenham seus números adicionados para poderem visualizar os

status. No Snapchat, há a opção de compartilhar sua história com todos os que seguem a conta ou somente com seus amigos ou com um grupo de amigos ou até mesmo individualmente, em conversas privadas, como pode notar na Figura (5). O mesmo acontece com o Facebook e Instagram, mas diferenciando que este controle de privacidade só possível se o usuário opta em colocar toda sua conta em modo privado, pois as stories são vinculadas a este recurso, pois se a conta for aberta, automaticamente as stories são públicas e se a conta for privada, as stories são visualizadas apenas pelos seguidores ou dentre as outras opções iguais ao Snapchat. Assim, quando o usuário usa as opções de privacidade em qualquer dos aplicativos, ele está selecionando maneiras de se colocar em público ou não.

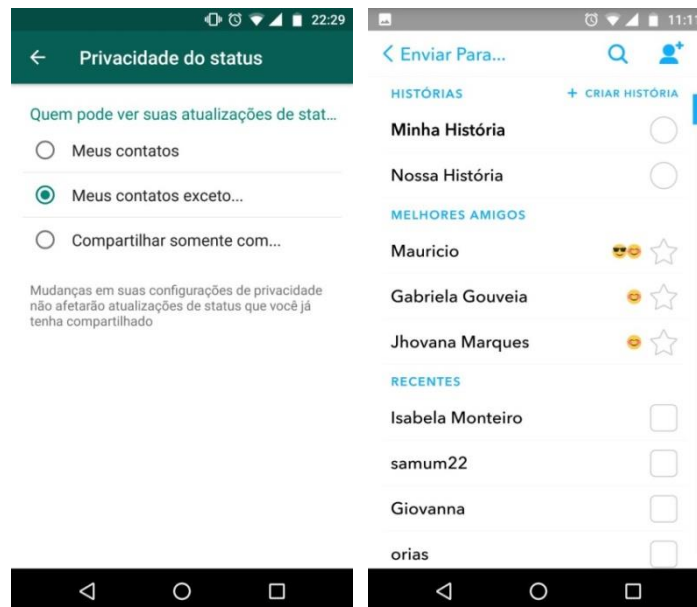


Figura 4: Aba de privacidade do Whatsapp.
 Figura 5 : Modos de envio do Snapchat.

Uma função parecida com a anterior é a de ocultar stories, que ao invés de selecionar para quem envia as stories, ela impede a pessoa de visualizá-las. Ela está em todos os quatro aplicativos observados e pode ser acionada no Snapchat, a função pode em “Personalizar”, nas configurações, e selecionar os seguidores que deseja ocultar. No Instagram, o usuário deve acessar a conta da pessoa indesejada e clicar em “ocultar sua história”, já no Whatsapp, na mesma aba de privacidade dos status, seleciona-se “Meus contatos exceto” e por último, no Facebook, em “Configurações de histórias”. Esta função é muito mais problemática que as outras acima, pois a partir do momento que alguém é ocultado, entende-se como uma reprovação social ou efemeridade nas relações sociais, como argumenta Recuero (2004) sobre as conexões sociais não terem custo

algum e nem precisarem de muito tempo, na medida em que basta adicionar ou excluir amigos em um clique, de modo totalmente despercebido.

A última função deste eixo refere-se não à exposição do próprio, mas do outro, seja ele amigo, familiar, colega de trabalho, etc, através da marcação de usuários nas publicações das stories. A ferramenta pode ser usada na story através da tecla “@” juntamente com o nome de alguma conta na plataforma. O único aplicativo com a capacidade de mencionar usuários nas stories é o Instagram e quando uma pessoa é mencionada, sua conta é vinculada àquela story, estando exposta para os seguidores do dono da publicação, como mostra na Figura (6), no qual nota-se a conta vinculada da pessoa mencionada à story de sua amiga.



Figura 6: Usuário com o nome @luana.dth mencionado na story do nome de usuário @ianka.s.

Assim, com as ferramentas apresentadas neste eixo é possível perceber que na contemporaneidade o importante é o tempo, e nas stories, principalmente, a visibilidade ganha mais uma característica: a intensidade. Os relatos de si tendem a ser cada vez mais breves, promovendo a vivência do instante. É fazer o máximo de coisas em um tempo curto, como um vídeo de 10 segundos, por exemplo. Ou estes 10 segundos, até menos, 7 segundos talvez, quando visível por muitos, torna-se um tempo longo demais, fazendo com que o usuário queira ter controle sobre ele e sobre sua exposição para os outros. Ademais, na configuração de privacidade dos aplicativos, quando há diversas formas de envio das stories, mostra que o indivíduo espera certo reconhecimento, mas

não deseja fama, notoriedade como as celebridades que têm um grande público expectador, assim como explica Albert e Haroche (2013). Além disso, podemos perceber que a ferramenta de marcação nas stories do Instagram permite que o usuário publique stories com outros usuários, tornando-os personagens secundários em suas narrativas de vida. Ou em vez de integrar o outro em suas narrativas, a ferramenta da story exclui um usuário, impedindo que o outro nem sequer visualize suas histórias nas redes sociais, causando uma exclusão social no meio virtual ou simplesmente colocando em prática a ideia de uma privacidade seletiva visto por Couto (2013): não privar tudo, mas selecionar aquilo e para quem vai à mostra sua interioridade.

Considerações finais

Com os objetivos de identificar as ferramentas das stories nos aplicativos e relacioná-los como contribuintes dos novos regimes de visibilidade, separando estas ferramentas em eixos interpretativos interligados entre si, podemos perceber que as stories contribuem para a expressão e performance de um sujeito tomado como autêntico e não mais sincero como priorizavam antes. E mesmo que os regimes de visibilidade contemporâneos demonstrem uma cultura do presente, da fluidez, e mesmo que as stories tenham se tornado populares por desaparecerem com suas publicações em 24 horas, certas ferramentas permitem que o usuário ainda faça o contrário, salvando suas publicações ou resgatando memórias passadas, indo contra a noção de efemeridade nas mídias digitais.

Outra discussão importante relacionada aos regimes de visibilidade contemporâneos são os modos de privacidade que os protocolos de funcionamento das stories possuem, permitindo a prática de uma privacidade seletiva, a partir do momento que o usuário escolhe para quem se mostrar nas suas redes sociais digitais, entre outras funções dessa interpretação.

Além dos conceitos abordados neste artigo, a pesquisa se expande em mais outras duas interpretações sobre as ferramentas de geolocalização e visualização das stories, sendo todas inter-relacionadas e discutidas de modo geral, quando percebemos esta função nos aplicativos como contribuinte dos novos regimes de visibilidade, de relatos e exposição de si.

Referências bibliográficas

AUBERT, N; HAROCHE, C. **Ser invisível para existir: a injunção da visibilidade**. In: _____. *Tirania da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Fap – Unifesp, 2013. cap.1.

BARROS, L. S. **Narrativas efêmeras do cotidiano: um estudo das stories no snapchat e no instagram**. Dissertação (Dissertação em Comunicação) – UFRGS, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/163738>>. Acesso em: 07.04.2018.

BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

COUTO, E. S. **Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade**. Brasília: Em Aberto, v. 28, n. 94, p. 51-61, 2015. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1668>>. Acesso em: 06.10.2017

HEINICH, N. **Um valor controverso: as críticas douradas da visibilidade**. In: AUBERT, N; HAROCHE, C. (Orgs.). *Tirania da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Fap – Unifesp, 2013. cap.19.

HÉNAFF, N. **Blog: um diário pessoal para existir, ver e ser visto**. In: AUBERT, N; HAROCHE, C. (Orgs.). *Tirania da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Fap – Unifesp, 2013. cap.8.

JAUÉGUIBERRY, F. **A exposição de si na Internet: a preocupação de estar além das aparências**. In: AUBERT, N; HAROCHE, C. (Orgs.). *Tirania da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Fap – Unifesp, 2013. cap.7.

MAZETTI, H. **Entre o medo de ser só mais um e a exigência de ser si mesmo: distinção e autenticidade na propaganda brasileira dos anos 1970 e 2000**. Rumores, USP. ed. 12, n. 2, julho-dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/55301>>. Acesso em: 10.03.2018.

RECUERO, R. C. **Teoria das redes e redes sociais na Internet: considerações sobre Orkut, os Weblogs e Fotologs**. In: Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 27, 2004, Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004, CD-ROM.

SÁ, S. P; POLIVANOV, B. **Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais**. Contemporânea: comunicação e cultura. v. 10. n.03, 2012, p. 574-596. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneapostcom/article/view/6433>>. Acesso em: 20.08.2017.

SIBILIA, P. **Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível.** Fronteiras, Unisinos. 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09>>. Acesso em: 02.12.2017.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ZAWADZKI, P. **O olhar vertical.** In: AUBERT, N; HAROCHE, C. (Orgs.). Tirantias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Fap – Unifesp, 2013. cap.18.